



APERTEM OS CINTOS, A GRADE CURRICULAR SUMIU: ALINHAMENTO CONSTRUTIVO COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA ENSINO DE JORNALISMO EM CURRÍCULOS NÃO LINEARES

Tacyana Arce¹; tacyana.rodrigues@prof.unibh.br

Marcílio Lana²; marcilio.lana@prof.unibh.br

RESUMO

Apresenta-se uma experiência de apropriação da metodologia de alinhamento construtivo (BIGGS E TANG, 2011) como embasamento teórico metodológico para lidar com o ensino de jornalismo em uma instituição de ensino que, visando à melhor eficiência operacional, aboliu o sequenciamento como organização da grade curricular, tendo como reflexo o “ensalamento” de estudantes de até quatro semestres diferentes de ingresso em turmas únicas. Nesses cenários, podem se encontrar em uma mesma disciplina estudantes em nível introdutório e estudantes com longa trajetória no curso. Para além dos evidentes e inevitáveis desafios, procura-se delinear um percurso que reconheça os diferentes níveis de aprendizado, pessoalize experiências, permita o alcance mínimo de habilidades e competências previstas na proposta curricular e estimule o estudante a ir além, incentivando-o a ser protagonista do seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Projeto pedagógico. Ensino. Alinhamento construtivo. Taxonomia Solo.

1 DE QUE JORNALISMO, E DE QUE ENSINO DE JORNALISMO, ESTAMOS FALANDO?

O ensino do Jornalismo encontram-se, desde os últimos 20 anos, parece encontrar-se em permanente transmutação. Esse metamorfismo, que pode apresentar-se, a princípio, travestido como algo desafiador, portanto, portador de uma certa ideia incondicional de evolução, de avanço ou algo similar é, na verdade, locus de indefinições e incertezas, capazes de produzir efeitos e desdobramentos danosos ao campo do conhecimento e até mesmo ao exercício da própria atividade profissional. No Brasil, esse cenário metamórfico manifesta-se, basicamente, em razão de alguns fatores condicionantes:

Comentado [1]:

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH). E-mail: tacyana.rodrigues@unibh.br

² Mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH). E-mail: marcilio.lana@unibh.br



- a) Em 17 de junho de 2009, o pleno do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por maioria, que a exigência do diploma de jornalismo e o registro profissional no Ministério do Trabalho como condição para o exercício da profissão passavam a ser inconstitucionais;
- b) em setembro de 2013, por meio de uma portaria³, o Ministério da Educação demandou a revisão curricular dos cursos de Jornalismo;
- c) as transformações no cenário da comunicação contemporânea, em especial, no Jornalismo, este último destituído do lugar de principal mediador informacional, provocaram uma crise de identidade do Jornalismo e, por extensão, do próprio jornalista;
- d) e, por fim, a emergência no campo da educação superior, em nível global, mas com forte ocorrência no Brasil, da escola-negócio, ou seja, àquilo que Slaughter e Leslie (1997) denominaram de capitalismo acadêmico⁴.

Os quatro fatores são imbricados e merecem ser analisados conjuntamente. No entanto, interessa-nos neste momento concentrar atenções nas mudanças ocorridas no setor educacional privado, mudanças essas que acompanham políticas econômicas que atendem a diretrizes do Banco Mundial (BM), do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização Mundial do Comércio (OMC), que fizeram da educação uma mercadoria.

Nesse sentido, a expansão da educação brasileira intensificou-se, especialmente no Governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), com suas ações, tendo permitido junto a intensificação da privatização do ensino superior, por meio de leis e decretos que contribuíram legal e significativamente para a expansão desenfreada desses institutos, faculdades e universidades privadas, principalmente porque esse processo expansionista fez parte da reforma do Estado. (CRUZ, PAULA, 2018, p. 848)

Entrelaçadas ao processo de globalização, que se apoia em políticas neoliberais, as mudanças no cenário da educação superior no Brasil passam a orientar o campo educacional. (CRUZ, PAULA, 2018). O que nos provoca, portanto, são as alterações no campo do ensino, nos impactos nas matrizes curriculares, nas

³http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em 1/03/2020.

⁴ SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, L.L. Academic capitalism: politics, policies and the entrepreneurial university. Baltimore: Johns Hopkins, 1997.



dinâmicas de ensino-aprendizagem, como, por exemplo, a prática costumeira do chamado ensalamento, ou seja, o agrupamento de estudantes de diferentes trajetórias e graus de saberes em um mesmo ambiente de aprendizado (sala de aula ou laboratório).

A diversidade, a princípio desejada e estimulada, torna-se fator que estimula a precariedade no ensino superior, sobretudo quando enfrentamos ambientes presenciais de aprendizado com 50 ou mais estudantes, com a redução drástica da carga horária de conteúdos fundamentais, como a disciplina de métodos e técnicas, ou ainda quando conteúdos estruturantes (Sociologia, Economia etc.) para o processo de formação dos futuros profissionais do Jornalismo são ofertadas em modos híbridos (presencial + online) ou totalmente a distância. A lógica que passa a prevalecer como base das definições curriculares não estão ou são associadas ao ensino, e sim à lógica do mercado.

Diante de um campo em transformação, o que há a ensinar e, ainda mais, como promover uma aprendizagem significativa e transformadora para públicos que carregam não mais apenas expectativas, mas experiências concretas de produção de conteúdo e distribuição de informação? Como requalificar a atuação profissional dos jornalistas, levando os jovens em formação a níveis mais elevados de capacidade de compreensão, articulação e produção diferenciada num cenário em que produzir informação é condição para estar neste mundo e não mais uma prerrogativa delegada a uma única categoria profissional? Que métodos e técnicas do Jornalismo devem ser ensinados? Como aproveitar a expertise que os estudantes já trazem como produtores de conteúdo?

Observando que a produção de conteúdo dos estudantes geralmente se dá por ação mimética (reproduzindo sem efetiva apropriação, por exemplo, aquilo que eles costumam denominar como “linguagem blogueira”), busca-se desenvolver uma metodologia de ensino e aprendizagem capaz de conduzi-los a níveis finais da taxonomia Solo (Structure of the Observed Learning Outcome), proposição de Biggs e Collis (1982) sendo, portanto, capazes de alcançar patamares estendidos de compreensão abstrata e proposição de conteúdos jornalísticos mais complexos.

Tal concepção multimodal do desenvolvimento cognitivo considera que vários fatores - como maturidade, disponibilidade da memória do trabalho, confrontos com problemas, suporte social e o desempenho na etapa anterior - são importantes para categorizar tarefas e desafios propostas aos aprendentes. Por meio do alinhamento construtivo (BIGGS; TANG, 2011), deve-se concatenar a oferta de atividades com os interesses e conhecimentos prévios dos estudantes,



mirando a expectativas de aprendizagem pré-definidas sem impedir a automobilização para outras descobertas, buscando conduzir os estudantes aos níveis mais complexos de desenvolvimento de aprendizagem.

2 PERSPECTIVA TEÓRICO METODOLÓGICA

2.1 Metodologias ativas

O alinhamento construtivo deve ser compreendido como uma metodologia ativa de aprendizagem. Metodologias ativas são aquelas que apontam o foco do processo de ensino e aprendizagem para o sujeito aprendiz, envolvendo-o em atividades de investigação, resolução de problemas e outras atividades propostas a partir de, e com vistas a, suas descobertas.

Tais metodologias contrastam com a abordagem pedagógica que tradicionalmente marcou o ensino até o século 20, a chamada abordagem tradicional, centrada no professor. Em tal perspectiva, o professor é responsável por transmitir a informação aos estudantes, um intermediário entre o saber, supostamente existente e disponível em algum lugar, e os aspirantes ao saber.

Como metodologia ativa de aprendizagem, o alinhamento construtivo não deixa de reconhecer alguma centralidade do educador. Entretanto, não como módulo de acesso a um saber por transmissão e sim como um mediador entre pontos de partida e chegada. Nesta perspectiva, o educador precisa ter muito claro quais objetivos devem ser alcançados, quais competências e habilidades precisam ser trabalhadas.

O que varia, entretanto, é o ponto de partida. Cabe ao educador diagnosticar e compreender o que cada estudante aporta à sala de aula para propor atividades que permitam a cada estudante alcançar um determinado estado de maturação de conhecimento. Ou seja, é preciso alinhar conhecimentos e vivências aportados, habilidades e competências a serem alcançadas, ou mesmo suplantadas, e as atividades que permitam esse encontro ou transcendência.

Há, ainda, um outro elemento a ser alinhado: a avaliação. Nesta perspectiva teórico metodológica, é necessária uma avaliação consistente que possa indicar se os objetivos esperados de aprendizagem estão em processo e construção ou se é necessário realinhar as atividades. Assim, se as metodologias ativas, como o próprio nome indica, exigem um sujeito estudante em movência por seu conhecimento, o alinhamento construtivo, particularmente, exige um sujeito educador não conformado que, focado em transcender o objetivo final de aprendizagem, é atento às movências e mediador de outras.



2.2 Alinhamento construtivo

Alinhar é, na perspectiva de Biggs e Tang (2011), arquitetar, desenhar uma experiência de aprendizagem. Mas, e aí está a beleza e a dificuldade da proposta, não um desenho do ponto de vista do arquiteto, mas um desenho que só é possível por meio dos olhos de quem verá o projeto. Ou, como define Almeida (2019):

O termo “construtivo” é usado porque se baseia nas teorias construtivistas. O que essas teorias têm em comum? A ideia de que o conhecimento é construído através das atividades realizadas pelo aluno – o que o aluno faz. E o termo “alinhamento” é utilizado porque tanto o ensino quanto a avaliação precisam estar alinhados aos objetivos de aprendizagem. (ALMEIDA, 2019, p.20).

Considerando essa perspectiva, Vilaça e Santos (2020) explicam que o educador precisa ter um “olhar arquitetônico” para o processo de aprendizagem e projetar as experiências dos aprendizes pensando em:

quais elementos são as bases, quais estruturas são necessárias, o que dá sustentação e quais elementos estéticos precisam fazer parte de um processo de aprendizagem que leve ao sucesso do aluno. [...] Os três conceitos centrais da teoria Biggs (1996) são divididos em três grandes blocos que devem ser projetados pelo educador: os Resultados Esperados de Aprendizagem, as Atividades de Avaliação e as Atividades de Ensino e Aprendizagem[...]. Um processo de aprendizagem só está alinhado construtivamente quando os dois últimos estão adequadamente conectados com o primeiro. Ou seja, tudo o que é feito em sala de aula e todas as avaliações precisam intencionalmente levar aos resultados que se espera que os alunos alcancem. (VILAÇA, SANTOS, 2020, p.9-10)

Percebe-se, desta maneira, a centralidade da elaboração dos Resultados Esperados de Aprendizado (Intended Learning Outcomes - ILO) na proposição de Biggs e Tang (2011). Tais resultados, informam Vilaça e Santos (2020), devem ser redigidos como "declarações escritas na perspectiva dos alunos, indicando o nível de compreensão e desempenho que se espera que eles alcancem durante a experiência de aprendizagem"(VILAÇA; SANTOS, 2020, p. 11).

Tais resultados esperados devem ser formulados recorrendo a verbos que auxiliem na definição de que tipos de atividades de ensino, aprendizagem e avaliação podem mais adequadamente levar ao seu alcance. Porém, mais do que atentar à forma de redação, deve-se considerar que verbos são ações, e se questionar a que nível de compreensão aquela ação leva.

Para auxiliar os educadores nessa avaliação, Biggs e Tang (2011) propõem uma taxonomia que considera a existência de cinco níveis diferentes de compreensão





e aprendizagem, cuja complexidade é crescente. A chamada Taxonomia Solo - abreviação de Structure of the Observed Learning Outcome - se organiza em torno da ação provocada pela ação, ou seja, do uso que o estudante faz do conhecimento construído. Segundo Vilaça e Santos (2020), os cinco níveis podem ser assim definidos:

- 1 – Pré-estrutural: o aluno demonstra pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto e precisa de auxílio para iniciar.
- 2 – Uniestrutural: o aluno consegue produzir respostas simples, demonstrando a aprendizagem de um ou poucos aspectos sobre o tema.
- 3 – Multiestrutural: o aluno consegue demonstrar a aprendizagem de múltiplas informações relevantes e corretas, mas ainda não consegue relacioná-las.
- 4 – Relacional: o aluno entende as relações entre várias informações e como elas interagem entre si para formar o todo, por exemplo, comparando diferentes ideias ou sequenciando-as.
- 5 – Abstrato Estendido: o aluno consegue gerar resultados e respostas mais estruturados, fazer generalizações, formular hipóteses sobre o tópico estudado ou pensar em novas maneiras de explicá-lo. (VILAÇA; SANTOS, 2020, p.13)

Recorremos ao já conhecido quadro elaborado por Biggs e Tang (2011), aqui retrabalhado por Vilaça e Santos (2020), para elucidar como os verbos estão alinhados com distintos níveis de complexidade da compreensão:

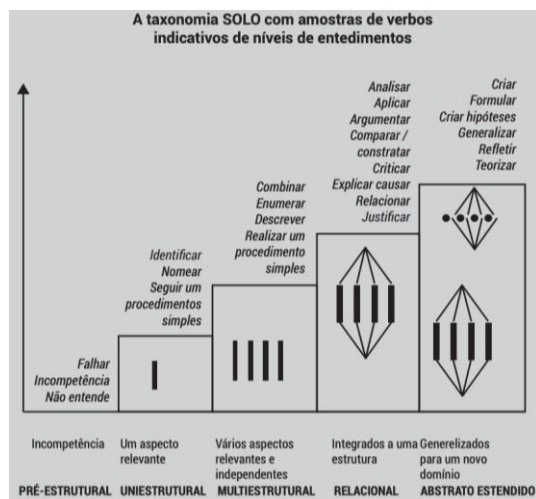


FIGURA 1 – A TAXONOMIA SOLO COM AMOSTRAS DE VERBOS INDICATIVOS DOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE

Na próxima seção vamos evidenciar o exercício que temos nos disposto a fazer de integrar o alinhamento construtivo como um componente teórico metodológico em disciplinas práticas de ensino de jornalismo, centrando-nos sobretudo nas disciplinas introdutórias das técnicas básicas de apuração e produção jornalística.

3 ESSA TAL NOTICIABILIDADE? SERÁ QUE O FUTURO JORNALISTA SABE O QUE É NOTÍCIA?

Uma das estratégias necessárias para o início de uma disciplina é o diagnóstico, uma espécie, portanto, de fase inicial para a realização do alinhamento construtivo (BIGGS; TANG, 2011). O diagnóstico é necessário para que os docentes avaliam o repertório dos estudantes, considerando que há discentes com as mais diversas trajetórias e aprendizados, além de origens distintas - da mesma instituição ou transferidos de outras universidades, centros universitários ou faculdades. Executado sob diferentes formatos, o diagnóstico permite ao professor conhecer a turma e definir o percurso a ser considerado nos planos de ensino e de aulas.

Neste primeiro semestre de 2020, na turma de métodos e técnicas do Jornalismo (40 horas), do turno da manhã, do Centro Universitário de Belo Horizonte



JORNALISMO



(UniBH), instituição de ensino superior que integra o Grupo Ânima, foi realizado, como atividade inicial, diagnóstico⁵ para apreender os níveis de aprendizado com os quais os estudantes aportaram à sala de aula. A atividade, realizada consistiu na aplicação de questionário⁶ (questões abertas) individual e a solicitação foi a de que os estudantes respondessem honestamente.

Selecionamos aleatoriamente duas das perguntas e algumas das respostas correspondentes para que possamos elucidar como pretendemos trabalhar com a Taxonomia Solo e como ela permite a identificação dos chamados níveis de aprendizado. As duas questões selecionadas do questionário foram: "*O que é uma notícia?*" e "*Defina o que é o critério de*

Defina o que é critério de noticiabilidade.

"O que vira notícia é aquilo que chama atenção de alguma forma, qualquer fato pode virar notícia, mas não é qualquer fato que trará algo que chame a atenção do público."

"Trata-se de categorizar as notícias por relevância."

"Considero como uma espécie de passo a passo para a produção de conteúdo."

"Existem vários critérios de noticiabilidade, se a pessoa é famosa, se é um assunto muito delicado, algo que nunca aconteceu antes. Um exemplo: "Filho de Neymar toca violão", pelo fato de ser filho do Neymar, uma pessoa famosa é uma notícia importante, mas se fosse filho de uma pessoa simples, ninguém ligaria, ao não ser que fosse 'João que perdeu os braços em acidente de carro, aprende a tocar violão'."

O que é uma notícia?

"Notícia é algo que traz informações de um fato ocorrido. Geralmente este fato chama a atenção."

"É uma forma de divulgação no meio jornalístico."

"Notícia é transmitir uma informação sem que o jornalista expresse sua visão pessoal. Diferente da reportagem, a notícia é mais para expor um acontecimento, do que discuti-lo baseado no que você conhece."

"É a maneira pela qual se baseia toda a produção de conteúdo, tudo passando por um lead. Esse é onde iremos desmembrar toda a notícia."

"É um modelo de divulgação a partir de acontecimentos por meio do formato

noticiabilidade".

As respostas à primeira pergunta - *O que é uma notícia?* - mobilizam conceitos (fato, acontecimento, lead, informação, formato) associados à

⁵ O diagnóstico foi realizado com 53 estudantes entre os dias 17 e 28 de fevereiro de 2020.

⁶ Questões que compuseram o diagnóstico: O que é jornalismo?; O que são as fontes no jornalismo e que tipos de fontes existem?; O que é uma pauta jornalística?; O que é angulação no jornalismo?; O que é uma notícia?; Defina critério de noticiabilidade; O que é gênero no jornalismo?; Como é que a gente pode definir conteúdo jornalístico? Cite alguns exemplos; O que a gente pode dizer sobre a distribuição de conteúdo no jornalismo - do que estamos falando?; Diferencie fato de informação; Cite três nomes de jornalistas e como eles trabalham.



JORNALISMO





produção jornalística e indicam a compreensão de que a notícia é resultado de um processo. De maneira análoga, podemos indicar também que as respostas para a segunda questão - *Defina o que é critério de noticiabilidade* - nos trazem informações relevantes e corretas, mas carecem ainda dominar os níveis de aprendizado "Relacional" e "Abstrato Estendido".

4 DAS PERGUNTAS NÃO RESPONDIDAS, OU, SOBRE UM REALINHAMENTO NECESSÁRIO

Muito há, da "verdade" necessária a ser reconhecida pelos professores nas respostas dos estudantes. Existem elementos apresentados que são fundamentais à elaboração de planos de ensino e de aulas que deem conta de trabalhar, junto com os próprios estudantes, o processo de produção jornalística, por meio de técnicas e métodos específicos. No entanto, está claro também que há muito da "verdade" a ser reconhecida nas perguntas não respondidas, nos silêncios, nas lacunas.

A conjugação dessas duas pontas do processo de ensino e aprendizado é que poderá conferir relevância ao ensino superior do Jornalismo. As lacunas são, exatamente, o campo da construção que, se bem trabalhada, permitirá o alcance de níveis de compreensão sobre o conteúdo programático nos níveis "Relacional" e "Abstrato Estendido", conferindo sentido e relevância ao ensino superior. O dever está na busca, como indica a Taxonomia Solo, dos verbos que auxiliem na definição de que tipos de atividades de ensino, aprendizagem e avaliação podem as mais significativas.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CRUZ, Andreia Gomes da; PAULA, Maria de Fátima Costa de. Capital e Poder a serviço da Globalização: os oligopólios da educação superior privada no Brasil. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 23, n. 3, p. 848-868, dez. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772018000300848&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772018000300016>.

Mick, Jacques; Kamradt, João. **O fim da notícia: a monopolização da mídia e trabalho do jornalista**. Florianópolis, SC: Insular, 2017.